

MOVIMENTO DE REAVIVAMENTO E SANTIDADE NO SÉCULO DEZANOVE

Uma Percepção Latino Americana
Dr. Federico Meléndez, Abril-Junho 2013

1. O reavivamento religioso no século dezanove nos Estados Unidos da América: industrialização, Pobreza urbana e missão.
2. Para um reavivamento. A globalização da pobreza e o desafio à igreja. Para o diálogo Norte-Sul nas Américas.

Sumário

Este papel busca interpretar o reavivamento religioso à luz da situação social na qual o reavivamento religioso nasceu no contexto dos Estados Unidos da América. Refere-se ao desenvolvimento de liderança industrial dos Estados Unidos e como se tornaram a classe-média da nação, procurando encontrar o desafio da pobreza implicou na transição de sociedade agrícola à industrial e o papel que a igreja evangélica desempenhou nessa transição.

Na luz deste modelo, o ensaio busca explicar o fenómeno da globalização da nova sociedade pós-industrial, especialmente seus efeitos económicos em países pobres na América Latina, e o correspondente papel da igreja tem que desempenhar na face da globalização da pobreza; e o diálogo, cooperação e responsabilidade mútua que é envolvido no lidar com o desafio de uma distorcida economia capitalista mudando-a a uma economia que as Nações Unidas declararam-a sustentável.

O ensaio é uma contribuição à missão holística e ética social da teologia do amor.

*O Movimento de reavivamento e Santidade no século dezanove nos Estados Unidos da América:
Uma percepção Latino-Americana.*

1. *Breve história política e Industrialização do Século dezanove nos Estados Unidos da América*

O crescimento económico dos Estados Unidos da América e sua influência na economia global sempre causa admiração de outros países do mundo, particularmente as nações Latino-Americanas. Os Estados Unidos continuam a superpotência mundial em quase todas as frentes,

incluindo a económica. É uma economia sólida e modelo político de democracia é uma inspiração a muitos países imergentes.

A influência dos Estados Unidos da América nos países da América Latina oscila da imitação da democracia, cultura e valores, pela rejeição pelos países que não partilham seus valores e estio de vida.

Como é que os Estados Unidos tornaram-se superpotência é agora, e acima de tudo, como foi o começo de suas experiências políticas e o processo de industrialização? Estas questões são respondidas no seguinte breve sumário histórico.

Para os estudantes da história dos Estados Unidos, o segredo da hegemonia está enraizado no seu passado político e as forças que formaram-nos como um poder económico. Originalmente, a Bretanha era a rainha das nações no comércio global, porque foi a primeira nação a controlar a revolução industrial no século dezoito e muito no século dezanove.

Neste ponto, é necessário considerar as diferenças na origem das nações da América Latina, e os Estados Unidos da América. Espanha começaram o processo de conquistar as Américas, depois de consolidar o projecto religioso do seu império Católico, com a explosão dos Árabes na Espanha. A Espanha era uma potência religiosa, e ansiosos a mexer a economia Europeia. O espanhol que veio às Américas foi um aventureiro, forjada em guerra ideológica da expulsão da conquista Árabe e ansioso a fazer dinheiro fácil.

A Bretanha noutra mão, tinha uma outra religião e aproximação cultural. As divisões religiosas na Inglaterra eram também divisões políticas. Muitos imigrantes Britânicos saíram para América em busca de liberdade religiosa e promoverem sua própria liberdade política. Muitos Ingleses que vieram ao futuro Estados Unidos da América fizeram o mesmo para a liberdade política e religiosa. Os puritanos Britânicos representavam a vasta maioria dos imigrantes primitivos a Massachusetts, onde muitos se fixaram. Isto marcaria a história política e religiosa dos Estados Unidos, e muitas diferenças pronunciadas no genesis da origem das nossas nações.

Em parte, estas diferenças explicaram a razão porque a revolução industrial foi instalada e consolidada nos Estados Unidos durante o século dezanove. A revolução industrial em si começou no século dezoito no contexto Britânico; e de lá a industrialização espalho-se a outros países da Europa. Foi através de espírito empresarial dos colonos primitivos, que chegou aos Estados Unidos.

Os estados do norte, originalmente os primeiros treze colônias, incluindo o que são agora os estados de Massachusetts, Maryland, as Carolinas e Virgínia, entre outros, foram os primeiros a estabelecer uma população predominantemente Anglo-saxônica.

Diferentemente os países Europeus com longa tradição no sistema aristocrática e feudal do desenvolvimento da terra, e competição com outras nações, os Estados Unidos no começo confrontaram outros problemas tais como: a colonização da terra e seus enormes tamanhos, a anexação de diferentes estados, imigração, e o grande problema de escravidão.

Originalmente os Estados Unidos foram divididos em duas frentes culturais. Os estados do norte eram mais urbanos, educados e com mais grandes processos democráticos e industrializados. Os estados do sul, contudo, eram mais dedicados mais à indústria do algodão.

Quando rompeu a guerra civil sob o presidente Abraham Lincoln (1809-1865), promovida pelos estados do norte pelo recentemente criado partido Republicano, Lincoln declarou-se como grande oponente da escravidão. A escravidão era fortemente defendida pelos estados do sul, porque dependiam do trabalho dos escravos para a produção do algodão. Os estados do sul declararam-se independentes formando a sua própria confederação que resultou numa sangrenta guerra civil entre os estados. Depois da cruel guerra civil (1861-1865) porque os estados do Norte e Sul, Lincoln finalmente restaurou a desejada União Americana, e o governo federal foi fortalecido entre todos os estados. A expansão do Oeste tornou-se mais relevante.

No que toca ao processo de industrialização, a diferença do modelo Britânico do desenvolvimento da indústria sentiu-se rapidamente, porque enquanto os Britânicos expandiam o seu comércio global pelo mar, os Estados Unidos expandiam o seu comércio dentro do país em si.

Por causa do seu largo tamanho, os Estados Unidos não necessitaram o comércio estrangeiro, e concentrou-se em expandir o seu comércio dentro dos estados em si, do Atlântico ao Pacífico. Neste caso o veículo não eram barcos, mas os caminhos de ferro: "como parte do legado da Guerra Civil, o governo federal concedeu largas extensões de terreno às pessoas que prometeram construir o sistema nacional dos caminhos de ferro. O Pacífico Norte recebeu 17 milhões de hectares, 10 milhões o Pacífico Sul e a União Pacífico. No fim, a América foi juntada 'de um brilhante mar ao outro' "(McCann, 1978, p.8).

A industrialização de todos os estados foi rápido, e o desenvolvimento dos caminhos de ferro, lado a lado com o crescimento da indústria do ferro, e muitas outras indústrias, começaram a transformar o poder político e económico da nação.

na *Civilização passada e presente*, uma resumida história compreensiva do mundo, por Walter Walkbank, Nels Bailkey e Alastair Taylor (1972), encontramos que entre 1850 e 1900, os Estados Unidos tornaram-se o estado mais poderoso Hemisfério Ocidental. Houve incremento no Produto Interno Bruto de sete biliões a 88 biliões de Dólares; eles tinham estabelecido um excelente sistema de educação pública, e houve um empurrão para as liberdades civis. Contudo, houve também muitos outros factores que ensombraram estas empreendimentos, tais como o crescimento das cidades, desemprego, saúde pobre e pobreza urbana e crime nas cidades.

A sede pela expansão e colonização das terras dos estados ocidentais finalmente conseguiu integrar maiores estados na união. Alguns foram comprados, como compra e aquisição de Louisiana do governo Francês, e os estados de Texas e Califórnia foram levados do governo do México. A expansão territorial chegou ao fim, e a colonização do governo federal dos Estados Unidos com a sede em Washington, com os seus próprios estados autónomos foi adquirido.

A voz da igreja esteve imediatamente em expressão no longo processo de integração dos estados, e o debate da escravatura nos campos económicos sociais e raciais, assim como a introdução da igreja em assuntos sociais da actualidade e a crítica do sistema da pobreza urbana a apontando aos novos ricos e magnatas da industrialização: " como resultado da rápida expansão, a principal característica distinta da religião Americana depois de 1865, foi o interesse pelos assuntos sociais tais como a pobreza, direitos laborais, o tráfego de bebidas alcoólicas, habitação precária e discriminação racial " (Smith, 1980, p. 148).

2. *O Contexto Religioso do Século Dezanove: industrialização, pobreza urbana e missão.*

Como foi determinado no princípio do papel, a diferença entre o pobre Latino-Americano, ou o assim chamado países em desenvolvimento, e os Estados Unidos da América, foi evidente desde o começo deles como nações. Em primeiro lugar, como já foi indicado, a Espanha dominou a Europa durante o século dezasseis e parte do século

dezassete, graças ao poderoso processo do mercantilismo patrocinado pelos ricos das Américas e o enorme poder da Igreja Católica Medieval.

A Católica Medieval da Espanha foi imposta pela força nas terras conquistadas. Visto que os colonos protestantes que eram maioritariamente imigrantes Britânicos, iam à procura de vida melhor, buscando a liberdade de sua própria religião e novas oportunidades de desenvolvimento nas novas terras da América.

Os Britânicos formados pelo trabalho ético protestante, e um destino manifesto como eleitos de Deus, buscavam como fazer dinheiro trabalhando arduamente; os Espanhóis por sua parte queriam partilhar os lucros ganhos através da conquista. A forma foi lançada pelos Britânicos e Espanhóis da Europa e a metamorfose das nações da América do Norte e da América Latina foi concebida.

Ao longo dos séculos, estas duas formações formaram o destino dos povos da Américas, numa mão, num curto tempo relativamente, os colonialistas Britânicos estabelecidos nos Estados Unidos adquiriram a sua independência política e económica da Grã-Bretanha, enquanto noutra mão, a independência dos países Latino-Americanos da Espanha veio mais tarde.

Este único gesto mostra como as pessoas evoluem diferentemente. Contudo o problema da escravatura negra ensobrou a história cultural dos Estados Unidos, assim como muitos dos Índios das Américas foram varridos pelos Espanhóis.

Pelos propósitos da análise económica e sua influência no Protestantismo é importante destacar o facto de que no século dezanove, a riqueza da nova nação consolidou a organização religiosa de diferentes denominações, como expressado por William Sweet, (1979) um conhecedor da disciplina da história da religião.

A influência mais significativa na organização religiosa nos Estados Unidos pelo ano de 1880 até o fim do século e depois foi o aumento tremendo da riqueza da nação. Esta influência foi manifestada em todas as igrejas da América em diferentes formas. Primeiramente, o encanto e o conforto providos pela riqueza tornaram possível muito rapidamente a extinção da aspereza da religião que era típico do estágio do desenvolvimento de Fronteiras de Estados. As casas de madeira levaram a melhores e mais confortáveis casas de adoração, e assim os membros das igrejas não tiveram que adorar nunca mais em lugares inconfortáveis e desagradáveis, uma era de construção de igrejas foi o resultado natural (p.345).

Assim como influenciar as vidas das diferentes denominações religiosas nos meados e finais do século dezanove o novo ambiente social e económico, produziu uma nova classe social com grande influência na vida da igreja: os novos grande magnatas da revolução industrial. McCann, (1978) diz:

Os Estados Unidos idealizaram o homem de negócios que pudesse consolidar o vasto império de negócios: os grandes magnatas de negócios. Isto ocorreu na segunda metade do século dezanove. Começou com a ploriferação da rede de trabalho de calhas de ferro nos anos 1850 e incluiu o crescimento da indústria do Norte em 1860, e o levantamento do investimento bancário em 1870. Durante este período, interesses comerciais tinham uma influência poderosa no governo ... J. Pierpont Morgan, talvez o mais vistoso empresário, exibiu grande magnificência. Ele e seus colegas gostavam de apostar, navegação e iates, tinham festas liberais, construíam mansões palaciais e compravam os tesouros de arte da Europa. Em contraste, homens como John D. Rockefeller e Henry Ford mostravam quantidades Puritanos severas. Como um povo religioso e devotado, tinham um sentido de responsabilidade pelos outros (p.11).

William Sweet mencionou o facto de que entre os "Cristãos magnatas " as mais significativos para a igreja eram, Cyrus H. McCormick, Andrew Carnegie e John D. Rockefeller, entre outros. Estes magnatas deram às organizações religiosas da época grande liderança, o que levou a que elas fossem vistos mais como corporações que igrejas:

Muitos dos homens na criação destas largas companhias eram também fiéis membros das igrejas ... através da sua longa vida John D. Rockefeller foi um Baptista devotado e também considerava-se um servo de Deus e riquezas como "ouro de Deus." Uma vez ele disse a um amigo Baptista que ele não sabia quão bom Cristão ele era, mas sabia que era um bom Baptista (Sweet, 1979, p.348).

Os advogados de uma nova ordem social baseavam-se nos ensinamentos sociais de Jesus e do Movimento da Santidade, que protegiam os interesses do pobre, e o crescimento da riqueza entre os membros da igreja foram tensões experimentadas pelas igrejas até os princípios do século vinte

Os conhecedores dizem que foi durante as primeiras décadas do século vinte que as igrejas começaram a abandonar o seu cometimento ao pobre, e formaram o novo padrão influente cultural Norte Americano. Tom Nees, um líder Nazareno diz no seu livro *Evangelismo de Compaixão* (1996):

Intermédio através do século este ramo de igreja nos Estados Unidos abandonou todo o seu cometimento de servir a população em necessidade. A atitude prevalecente ou a teologia do tempo, reduziu o papel da igreja ao espiritual.

O activismo social suspeitou-se ser trabalho da Cristandade liberal, o que foi discutido, substituiu o autêntico evangelismo ... e como afirmado por Richard Niebuhr, uma teologia de riqueza desenvolvida entre a segunda e a terceira gerações daqueles cujos pais tinham sido membros do mais desherdados grupos evangélicos. As igrejas que antes receberam e incluíram grupos de baixa receita nas zonas urbanas, numa geração que sentia a que a sua riqueza era o resultado ou evidência das bênçãos de Deus. A divisão dentro da Cristandade Americana foi quase completada por volta de 1920 (p.14).

3. *Para um novo reavivamento: globalização do Evangelho e o desafio da pobreza, num diálogo Norte-Sul nas Américas.*

Se o século dezanove foi o século da Revolução Industrial nascente nos Estados Unidos, e com esta a consolidação do capitalismo e novas classes sociais urbanas, foi também o século da pobreza urbana e o nascimento de lutas e demandas de trabalhadores urbanos. O Movimento de Santidade deve ser visto á luz destes fenómenos sociais e ensino do evangelho social.

acrescentando a este fenómeno na viragem do século, foi também um tempo de prosperidade para as organizações religiosas, e com isto a expansão internacional através de agências missionárias internacionais. Como resultado, *a igreja protestante com raízes Norte Americanas* cresceu na América Latina á luz de missões nos finais do século dezanove, em parte pela habilidade dos políticos e governantes do tempo, que abriu a porta aos Protestantes Americanos a dar a nova vida á expansão neo-colonial Norte Americana. O alvo era refrescar o ambiente religioso das influências da Igreja Católica. Esta política marcou a origem e o desenvolvimento do Protestantismo Latino Americano até bem para o século vinte.

agora, no século XXI sob o levantamento da globalização e as novas faces do comércio internacional, o mundo tornou-se economia global, e o capitalismo já não é mais a ferramenta dos países como os Estados Unidos e Europa a estenderem-se a todas as partes do mundo. A América Latina foi incluída na influência dos mercados globais dos Estados Unidos, e acordos de comércio livre expandiu-se por toda a região.

Hoje, mais do que um século desde que o Movimento de Santidade levantou-se nos Estados Unidos, e deixou a sua marca entre os mais pobres da nova revolução industrial nesse país, e a luta racial entre negros e brancos, encontramos a América Latina dividida entre a

pobreza da grande maioria e riqueza de pequenas elites governantes, de uma forma semelhante ao que aconteceu nos Estados Unidos no século dezanove.

Contrariamente os Estados Unidos, a Revolução Industrial veio mais tarde a América Latina e apenas como mão de obra barata para as corporações Norte Americanas que exploravam o nosso solo. Para o século vinte, todos os países foram incorporados como economias de subsistência em contraste ao poder enorme económico dos Estados Unidos. Modelos políticos de ditadura militar foram estabelecidos em toda a parte grande parte do século vinte, e a democracia como um sistema político é ainda incipiente.

A globalização foi estabelecida, mas não trouxe os grandes benefícios que foram anunciados. A pobreza continua a crescer, mas de acordo com os conhecedores, a América Latina é o Continente com mais desigualdades sociais. Bernardo Kliksberg, como Argentino especialista em assuntos ético-sociais da América Latina, diz no seu livro *Mais Ética, Mais Desenvolvimento*, (2004), que somos um continente de paradoxos:

No princípio do século vinte e um a América Latina apresenta uma figura do que pode ser chamado de "paradoxo da pobreza ". os altos índices de pobreza (44% pobreza, 19% de pobreza extrema ECLAC, 2003) não corresponde ao privilegiado montante de recursos naturais nem mesmo aos níveis do Produto Interno Bruto e PIB per capita. Este é o paradoxo de pobreza comum a meio à potencial riqueza. Vamos olhar ao caso de três maiores economias da região. Brasil é o número oito no Ranking mundial no Produto Interno Anual e 58º no Produto Interno per capita. Contudo em vez disso, em termos de expectativa e literacia está no ranking número 108 e 113 na mortalidade infantil. México é a décima segunda mais larga economia no Produto Interno Bruto e 57 em Produto Interno per capita, mas está no ranking 64 na esperança de vida, 92º no analfabetismo 108º na mortalidade infantil. Argentina é um dos fornecedores mundiais de alimentação. Está entre os cinco países melhor classificados do mundo na produção e exporta uma larga série de alimentos básicos tais como a soja, o trigo, a carne e outros. em 2002, exportou alimentos que podem suportar 330 milhões de pessoas. A sua população é de apenas 37 milhões. Contudo, 1 em 5 crianças no Mais Grande Buenos Aires tem problemas de malnutrição e a proporção é até mais alta em algumas das províncias mais pobres (p.9).

Se o reavivamento e o Movimento de Santidade fossem focalizados entre as populações mais pobres na sociedade industrial imergente dos Estados Unidos da América, hoje, a igreja na América Latina como um continente paradoxal também anda nas mesmas tensões que os Estados Unidos experimentou a um século atrás, em outras palavras, na alternativa de tornar-se uma igreja que não abandona a sua missão ao pobre, ou uma igreja que está acomodada ao sistema económico corrente.

Um exemplo do mais tarde pode ser encontrado na Teologia de Prosperidade que satisfaz o estrago para justificar a riqueza de poucos e mergulhar milhões de pobres a falsa esperança por ensinar-lhes a falsa declaração de que se se tornassem Cristãos, automaticamente prosperariam economicamente.

Hoje os Cristãos da América Latina, herdeiros da tradição de santidade necessitam de aprender da história religiosa dos Estados Unidos. Não podemos conseguir considerar-nos ricos, quando de facto a pobreza paradoxal é uma constante em todo o continente, a despeito dos países emergentes tais como o México, Chile e Brasil.

Que lições é que os Latino Americanos podem aprender da história religiosa dos Estados Unidos da América? Como é que interpretamos a história dos Movimentos de Santidade religiosa do século dezanove? Eu apresento alguns pensamentos para mais discussão:

Primeiro, como culturas não devemos ajustar-nos aos modelos sócio-económicos da globalização, ou a qualquer modelo político ou económico, como aconteceu com a igreja nos Estados Unidos. Globalização com a sua ênfase na riqueza, individualismo e mercados do consumo degradaram a imagem de Deus ao ser humano que é puramente material. Isto é verdadeiro ambos nos países pobres e nos países ricos.

Em segundo Lugar, mesmo se os sistemas humanos fossem requeridos pela economia global e suas agências, tais como receitas dos países poderosos dados às economias pobres, a igreja tinha que ser crítica aos sistemas ideológicas, ambos político e económico. Eles deviam procurar alternativas e apoiarem as novas aproximações económicas que dirigem a dignidade dos seres humanos, especialmente a dos pobres, no lugar da imposição de capital. A assim chamada economia com uma face humana ou de sustentabilidade podia ser alternativo.

Em Terceiro, a imposição de capital levou-nos à degradação ambiental e destruição da natureza através da avareza voraz de muitas pessoas ricas locais, e muitas corporações que buscam apenas enriquecer seus bens, sem trazerem quaisquer benefícios às comunidades mais pobres. Devemos reagir e sermos analíticos.

Em quarto lugar, a teologia tradicional de santidade, como no século dezanove com o evangelho social, deve reganhar conscientemente a mensagem da salvação holística e a presença do pecado social estrutural. O Ministério da Igreja de Compaixão é uma aproximação compreensiva que a igreja do Nazareno estabeleceu desde os princípios da década oitenta. Compaixão não é simplesmente um ministério a ser organizado; tem que ser o sangue de toda a

denominação. Na América Latina, precisamos de reforçar e enriquecer a nossa missão compassiva e não degradar ou eliminar.

Em quinto, enquanto é verdadeiro que a globalização está aqui para ficar, e os países que não estão incorporados à economia mundial não pode sobreviver, devemos lembrar a danificação que ela trouxe à vida da igreja nos Estados Unidos. A igreja sucumbiu às riquezas quando vieram batendo as suas portas, e esqueceram-se das suas humildes raízes e negligenciar os mais pobres da sociedade por muitos anos.

Em sexto lugar, enquanto é verdadeiro que os nossos países devem evoluir na educação, saúde e trabalho decente para avanços sociais, não podemos esquecer que viemos de lares pobres; precisamos ver como podemos promover mudanças no meio e classes profissionais encorajando os pobres, os marginalizados e os que são excluídos da sociedade. Não devemos cair na tentação de construir edifícios ostentativos, mas os que são práticos e simples onde toda a gente, rica ou pobre pode ser família juntos.

Eu concludo que mais perguntas que respostas para as percepções Latino Americanos sobre o Movimento de Santidade nos Estados Unidos da América no século dezanove: Podemos nós Latino Americanos aprender da história religiosa dos Estados Unidos? Como é que encaramos o paradoxo da nossa pobreza?

Oramos a Deus para que estas conferências não continuem como documentos como um file, mas que em cada país ou região segue-se com suas ideias e projectos conjuntos.

Os Nazarenos podem e devem fazer isto com urgência.

Lista de Referências

- Cook Franklin y Steve Weber, (1991). *Cuando Florece el Amor, la historia de los ministerios de compasión*, Kansas City, Mo. Casa Nazarena de Publicaciones.
- McCan Robert, Mark Perlman, (1978). *Reseña de la economía de los Estados Unidos, Servicio informativo y cultural de los Estados Unidos de América* Agencia de Comunicación Internacional de los Estados Unidos de América.
- Nees Thomas (1996). *Compassion Evangelism, meeting Human needs*. Kansas City: Beacon Hill Press.
- Kliksberg Bernardo (2004). *Más ética, más desarrollo*, Buenos Aires: Argentina, temas, grupo editorial SRL
- Padilla Rene (2002). *Economía Humana y economía del Reino de Dios, con un ensayo sobre la crisis argentina en el marco de la globalización*. Buenos Aires: Kairos.
- Smith Harold Ivan (1983). *The Quotable Bresee*, (compilation). Kansas City: Beacon Hill Press.

Smith, Timothy (1980). *Revivalism and Social Reform, American Protestantism on the Eve of the Civil War*. Baltimore: The John Hopkins University Press.

Sweet William (1979). *The Story of Religion in America*. Grand Rapids: Baker Book House (third edition).

Schroeder Richard (1978). *Reseña del Gobierno de los Estados Unidos*. Washington: servicio informativo y Cultural de los Estados Unidos de América, Agencia de comunicación internacional de los Estados Unidos de América.

Wallbank Taylor y Bailkey (1972). *Civilization past and present*, (fourth edition). Glenview Illinois: Scott, Foresman and Company.